

do coletor, tal a liberdade e a subtileza do *laissez aller* ritmico com que a gente de lá canta. Cantam com a subtileza ritmica de quem está falando, com a maxima despreocupação. É muito possível que nessa gente do nordeste cantando dêsse geito, em contraste decidido com a ritmica isoladamente musical estabelecida pela musica europea desque criou os valores de tempo musical e o compasso, é muito possível que nesses nordestinos a gente vá encontrar uma reprodução contemporanea da maneira de cantar dos rapsodos gregos ou do canto cristão primitivo. Com efeito se dá neles uma união absoluta da musica e da palavra falada, de formas a tornar impossível uma fixação ritmico-musical isolada. É a maneira de falar, natural e despreocupada, que determina ás vezes em absoluto a sucessão dos sons da melodia. Ora como a fala despreocupada nem sempre se realiza exatamente da mesma forma ao repetir a mesma frase pelo fato mesmo de ser despreocupada, sucede pois que repetindo a mesma melodia com o mesmo texto, o cantador já não ritmou exatamente da mesma maneira da primeira vez. Quanto mais si o texto varia! Na verdade a segunda quadra que consignei *Ou é o sol* etc. já requeria nova ritmisação da melopea. Se dá pois em muitos dêsses cantos um rubato constante e subtil, maravilhosamente variado. Aqui é bem êsse, o caso. Qualquer e minima rigidez estraga por completo uma peça assim. Evidentemente se trata duma musica, primitiva ainda sob o ponto-de-vista artistico, quero dizer, ainda interessada em que a significação das palavras é que tem importancia decisiva e absoluta. O que não impede que justamente por causa dêsse desequilibrio os nossos nordestinos cantadores tenham atingido uma riqueza prodigiosa de liberdade ritmica.

Chula Paroara

AMAZONIA.

$\text{♩} = 84$

Se - nho - ra dona Te - re - za Fui on - tem desem - pre - ga - do O fei - jão es - tá mu - i - to
ca - ro E a car - ne seca é fi - dal - ga! Dou - lhe u - ma, dou - lhe duas, dou - lhe tres, Sinhá Te -
re - za não me pega desta vez! Sinhá Te - re - za me fez das suas, Pegou - me a roupa, jogou na ru - a!

Senhora dona Tereza
Fui ontem desempregado } *bis*
O feijão está muito caro
E a carne seca é fidalga! } *bis*

Dou - lhe uma, dou - lhe duas, dou - lhe tres,
Sinhá Tereza não me pega desta vez!
Sinhá Tereza me fez das suas,
Pegou - me a roupa, jogou na rua!

As mulheres por natureza }
 Carrega sua fé segura: } *bis*
 Quanto mais mente mais fala, }
 Quanto mais fala mais jura. } *bis*
 Dou-lhe uma, *etc.*

As mulheres quando resolvem }
 Falar da vida alheia } *bis*
 Principia na lua-nova }
 Acaba na lua-cheia. } *bis*
 Dou-lhe uma, *etc.*

Moça feia quando casa }
 Julga logo por feliz; } *bis.*
 Passa uma pela outra }
 Arrebitando o nariz. } *bis.*
 Dou-lhe uma, *etc.*

Colhida por mim dum paroara. Dêsses que depois de irem gastar na terra deles o dinheiro ganho na borracha, voltam de novo pros seringais. Assim êle... Era moreno, corpo rijo, e de palidez pra nunca mais. Cantava pouco, quanto falava, mas tudo bem. Era deliciosa a maneira rubatisada, cheia de acentos e prolongamentos inesperados com que dizia esta chula de tanta malinconia.

A segunda estrofe lembra Portugal:

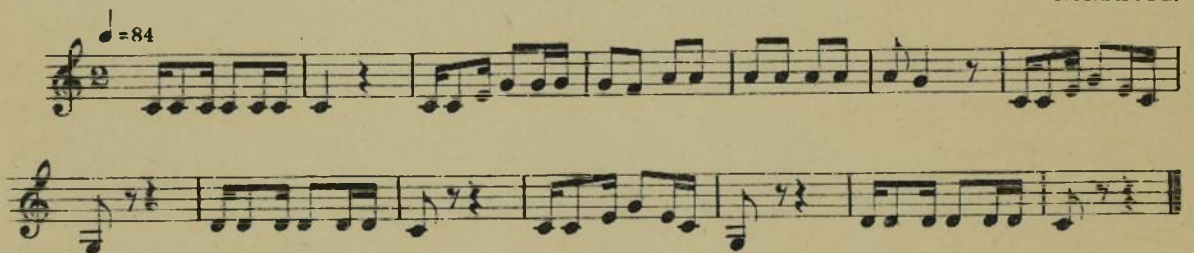
“Lindos olhos tem a cobra
 Q’ando olha de repente;
 Ninguem se fie em mulheres,
 Quanto mais jura mais mente”.

Leite de Vasconcellos (“Tradições Populares de Portugal”, Porto, ed. Clavel e Cia. pg. 143.)

LUNDÚS E MODINHAS

Lundú com Ganzá

NORDESTE.



Cantado por preto com acompanhamento de ganzá, o que aproxima este lundú, tão provavelmente afroamericano, dos cocos de ganzá. O colaborador ignorava a letra e não precisou o Estado nordestino em que escutara o documento.